

PAISAGENS E VISÕES MÍTICAS, QUESTÕES DE GÊNERO E A CIDADE NO ROMANCE “MAR MORTO”, DE JORGE AMADO

Landscapes and mythical visions, gender issues and the city romance on “Sea of death”, a novel by Jorge Amado

Janio Roque Barros de Castro¹

RESUMO

No presente texto, analisa-se o livro “Mar morto”, uma obra literária do consagrado escritor Jorge Amado, publicada em meados década de 1930, que trata da trama romântica entre o pescador Guma e Livia. Inicialmente, faz-se uma discussão sobre a relação entre o além e as divindades e os espaços / lugares reais onde a trama foi cenarizada, com destaque para a “Bahia de Todos os Santos” e seu entorno. Posteriormente analisam-se as abordagens do autor acerca do papel da mulher nessa obra, que transita da submissão da sociedade machista da época, passando pela rebeldia daquelas que subvertem essa situação e se estende até a divinização feminina com forte dimensão mítica. Por último, além do romance “*Mar morto*”, faz-se uso de alguns trechos do livro “Bahia de Todos os Santos” para se tematizar e problematizar as leituras sobre cidade, com especial ênfase em Salvador.

Palavras-chave: Paisagens míticas. Lugar. Mar. Mulher. Cidade.

ABSTRACT

This paper analyzes the novel “Sea of Death”, a literary work from the renowned author Jorge Amado, published in the mid 1930s, which approaches a romantic plot between Guma, a fisherman, and Livia. It begins with a discussion on the relationship between the spiritual world, the deities and the spaces /real places where the story takes place, especially the “Bahia de Todos os Santos” (All Saints’ Bay) and its surroundings. Later, it analyzes the author’s approaches on the role of women in this work, considering the submission to the male-dominated society of the time, through the rebellion of those who subvert this situation and extends to the female deification with a strong mythical dimension. Finally, besides the novel “Sea of Death”, it makes use of some excerpts from the book “All Saints’ Bay” to schematize and problematize readings on town, with special emphasis to Salvador.

Keywords: Mythical landscapes. Place. Sea. Woman. City.

¹ Graduado em Geografia pela Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS. Mestre em Geografia e Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Professor Adjunto da Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Campus V.

✉ Rua Izidio Florentino dos Santos, s/nº, Bairro Portão – Governador Mangabeira – BA. CEP: 44.350.000. janioroquec@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

O diálogo entre Geografia e Literatura pode acontecer de diversas formas. Três pontos comuns nas abordagens literárias e geográficas podem ser destacados: a dimensão espacial, a dimensão temporal e a atuação dos sujeitos sociais. Um caminho interessante é contextualizar o papel de alguns/algumas personagens importantes com conceitos geográficos relevantes, como paisagem e lugar. Especificamente nesse texto, pretende-se trabalhar com o romance "Mar morto", publicado em 1936 pelo consagrado escritor baiano Jorge Amado, buscando-se elementos de interface que possibilitem a dialogicidade entre Geografia e Literatura, a partir das tramas de diferentes sujeitos sociais no tempo (contextos históricos) e no espaço e/ou lugares. Nessa referida obra literária, Jorge Amado escreve sobre a trama amorosa entre Guma e Lívia. Para falar sobre esse romance, Jorge Amado descreve a rotina dos homens do mar e do cais e faz incursões acerca da vida de algumas mulheres. Esses sujeitos sociais são abordados a partir de diferentes contextos geográficos da "Bahia de Todos os Santos" e do seu entorno (Salvador, Recôncavo e imediações estuarinas do rio Paraguaçu).

No presente texto, pretende-se analisar as questões transmundanas, míticas, de gênero e urbana em uma importante obra amadiana. A partir da beira do cais e dos mares da Bahia, o autor se debruça sobre os vários contextos e situações que envolvem a trama romântica entre Guma e Lívia. Inicialmente faz-se uma discussão sobre a relação entre o além e as divindades e os espaços e lugares reais onde a trama foi cenarizada, com destaque para as irrupções de Iemanjá, notadamente nas águas marinhas da Bahia. Posteriormente analisam-se as abordagens do autor acerca do papel da mulher nessa obra, que transita da submissão da sociedade machista da época, passando pela rebeldia daquelas que subvertem essa situação e se estende até a divinização feminina com

forte dimensão mítica. Por último, além do romance "Mar morto", faz-se uso de alguns trechos do livro "Bahia de Todos os Santos" para se abordar as leituras sobre cidade, com especial ênfase em Salvador, a capital da Bahia, que inspirou muitas obras do consagrado escritor Jorge Amado.

PAISAGENS E QUESTÕES MÍTICAS NO ROMANCE "MAR MORTO"

Na concepção de Claval (2002), a oposição entre sagrado e profano fundamenta-se na ideia de que existem dois níveis de realidades: o mundo positivo, apreendido pelos nossos sentidos, que tocamos e que frequentamos; e outro mundo, onde se situam as forças, os princípios ou divindades responsáveis pelo que acontece no mundo positivo. Para Claval, esse outro mundo se situa em um espaço inacessível ao homem, no entanto, esses dois mundos não são totalmente separados; os santuários seriam lugares especiais nos quais esse além aflora, por isso, constituir-se-iam em espaços devocionais.

Essa abordagem de Claval para a questão do sagrado e do profano é pertinente para leitura de cidades-santuários; todavia, não se aplica para o entendimento das especificidades do território baiano, em especial Salvador e seu entorno regional, sob a ótica de algumas obras de Jorge Amado. Para esse autor, os "seres" míticos, os deuses do povo afrodescendente, fazem-se presentes tanto em espaços da cotidianidade como também no contexto de situações e eventos corriqueiros, como nota-se na passagem do romance "Mar morto":

Os homens da terra (que sabem os homens da terra?) dizem que são os raios da luz sobre o mar. Mas os marinheiros, são mestres de saveiro, os canoieiros riem dos homens da terra que não sabem nada. Eles bem sabem que são os cabelos da mãe d'água que vem ver a lua cheia. É Iemanjá que vem olhar a lua. Por isso os homens ficam espiando o mar prateado nas noites de

Paisagens e visões míticas, questões de gênero e a cidade no romance "Mar Morto", de Jorge Amado
 Jânio Roque Barros de Castro

lua porque sabem que a mãe d'água está ali. Os negros tocam violão, harmônica, batem batuque e cantam. É o presente que eles trazem para a dona do mar (AMADO, 2008, p. 25).

Esse mar que aparece na obra não se restringe a imensidão líquida que é tipificada geograficamente como oceano (no sentido geral). Trata-se também do mar da vida, da lida, da sobrevivência, do sustento, das conversas acerca de temáticas diversas à beira do cais. É o mesmo mar de mistérios, misticismos, seres transcendentais que convivem com os pescadores na sua lida diária. A expressão "homens da terra" tanto pode ter um sentido telúrico (pertencimento), como também de discernimento; deve-se separar os homens da terra, cuja leitura de mundo ancora-se naquilo que vemos, dos homens do mar, que teriam uma visão ou uma leitura mais alargada que lhes permite enxergar além daquilo que os olhos veem. Segundo Dardel (2011, p.31): "A paisagem não é um círculo é fechado, mas um desdobramento. Ela não verdadeiramente geográfica a não ser pelo fundo, real ou imaginário, que o espaço abre além do olhar."

A paisagem vai além daquilo que se vê. Ela também abarca aquilo que pensamos, sentimos, acreditamos, tememos, desejamos (nossos sonhos) e tudo isso abarca a dimensão do imaginário; por isso, a paisagem aqui abordada vai muito além do quadro estático e frio. Sob a ótica fenomenológica de Eric Dardel, a paisagem geográfica desdobra-se e abre-se para além daquilo que eu vejo; dessa forma, não se tem uma paisagem única e coisificada, e sim leituras de paisagens, interpretações da paisagem em uma perspectiva ampla. Nesse caso, há o mundano e o transmundano formando um conjunto que se apresenta aos olhos em uma perspectiva não dicotômica, não linear.

Na paisagem, por um lado lisa visualmente, e, por outro, estriada, densa, misteriosa e mítica do mar, marinheiros e pescadores convivem com episódios de irrupção da divindade em meio à cotidianidade da

sua lida diária. Não existe aquele lugar especial onde a divindade possa aflorar. Curiosamente, essa densidade mística e mítica se manifesta de forma mais expressiva no contexto da monotonia visual das grandes massas líquidas:

Os ventos da tempestade já estão longe. As águas das nuvens da falsa noite estão caindo noutros portos. Iemanjá viajará com outros corpos para outras terras. Agora o mar é sereno e doce. O mar é amigo dos mestres de saveiro. Pois o mar não é a estrada, não é o caminho, não é a casa deles todos? Não é sobre o mar, na proa dos saveiros que eles amam e fazem seus filhos? (AMADO, 2008, p. 27-28).

Para aqueles que, na sua labuta diária, estão acostumados ao deslocamento constante, à mobilidade sobre as águas, o porto é a parada no sentido literal da expressão, ancoradouro, como também parada no sentido da fixação momentânea em um ponto a partir do qual se busca entender as tramas socioculturais daquele lugar; busca-se olhar o mundo a partir dele. Essa leitura do circuito das águas como estrada (espaço liso no sentido paisagístico) e do porto como ponto (ou área de interface entre o mar e terra) lembra a concepção de lugar de Tuan (1983). Segundo esse autor, espaço é movimento e lugar é repouso. Porto é local no sentido topológico e referencial e lugar no sentido simbólico da relação identitária ou afetiva dos sujeitos sociais que se apropriam daquele lugar.

Todavia, esse mesmo porto pode ser só passagem para muitos (espaço não significativo) e o mar, com toda sua lisura visual e grande extensão a perder de vista, pode ser uma estrada que conduz uma casa móvel: o barco. O mar pode ser sim outra casa para alguns pescadores. Segundo a abordagem fenomenológica de Gaston Bachelard (1993), todo local habitado, de certa forma, nos dar uma noção de casa. É sempre importante relativizar: o porto pode ser significativo para uns

Paisagens e visões míticas, questões de gênero e a cidade no romance "Mar Morto", de Jorge Amado
 Jânio Roque Barros de Castro

e apenas um espaço de passagem para outros. O porto pode ser lugar para aqueles que, como Guma e Lívia, que protagonizam a trama romântica, no livro "Mar morto", e nesse contexto vivenciam um amor intenso. Evidentemente que haverá lugares para os quais as explosões de amor se expressam de forma mais intensa. Não é qualquer barco ou qualquer porto que a afetividade e o amor se expressam. A obra literária, inegavelmente, nos permite ler o mundo de forma integrada e superar certa tendência para emoldurar mecanicamente as nossas leituras de paisagem e de lugar a partir de ladrilhos compartimentados. O mesmo mar revoltado das tempestades que atormentam e amedrontam é o espelho das estrelas e o local de explosões amorosas:

Sim, Guma ama o mar e Lívia também o ama. O mar é belo assim de noite, azul, azul sem fim, espelho das estrelas cheia de lanternas de saveiros, cheio das lanternas das brisas dos cachimbos, cheio de ruídos de amor.

O mar é amigo, o mar é doce amigo para todos aqueles que vivem nele. E Lívia sente o gosto de mar da carne de Guma [...] (AMADO, 2008, p. 28).

Homens como Guma não seriam apenas sujeitos que fazem uso do mar; na verdade, seriam parte desse mar. Essa relação de pertencimento ao mar seria tanto no sentido do contato corporal como também na perspectiva do imaginário mítico transcendental verificado na reverência a Iemanjá, ou mãe d'água. Nesse mar imenso, misterioso e mítico, com suas várias ancoragens topológicas e/ou topofílicas, a irrupção da divindade transmundana pode ser determinada por eventos ou situações excepcionais e não pela excepcionalidade do lugar, como acontece com os santuários:

O velho Francisco conhece essa música e esse mundão de estrelas que se reflete no mar. Senão de que valeriam

quarenta anos passados em cima de um saveiro? E não só estrelas que ele conhece. Conhece também todas as coroas, as curvas, os canais da baía e do rio Paraguaçu, todos os portos daquelas bandas, todas as músicas que por ali são cantadas. Os moradores daquele pedaço de rio e do cais são seus amigos, e há até quem diga que uma vez na noite em que salvou toda a tripulação de um barco de pesca, viu o vulto de Iemanjá que se mostrou a ele como prêmio. (AMADO, 2008, p. 29).

Além de Salvador, a "Bahia de Todos os Santos" e seu entorno imediato, que corresponde ao Recôncavo baiano, foram importantes contextos geográficos que inspiraram Jorge Amado. Esse é seu recorte espacial preferencial para suas tramas literárias. O rio Paraguaçu nasce na Chapada Diamantina, região central da Bahia, e atravessa o estado adentrando no Recôncavo, região do estado que apresenta um expressivo fulgor cultural, para desembocar na mítica e misteriosa Baía que é de todos os Santos e de muitas divindades, notadamente sob a ótica do povo negro e afrodescendente de forma geral, que ancora suas crenças em elementos híbridos das identidades diaspóricas reinventadas no transcurso do tempo.

Os portos/lugares significativos mencionados, fazem parte dessa grande região cultural mítica e mística que abarca Salvador, a "Bahia de Todos os Santos" e o outro lado da Baía, como já se destacou. O prêmio pela boa ação de Francisco, experiente marujo, que era tio de Guma, foi a abertura de uma janela que o permitiu ver a "rainha do mar". Como escrevera o próprio Jorge Amado, ao finalizar essa obra "assim contam da beira do cais" (AMADO, 2008, p. 272).

Segundo Eliade :

Um mito narra os acontecimentos que se sucederam *in princípio*, ou seja, "no começo", em um instante primordial e atemporal, num lapso de *tempo sagrado*. Esse tempo mítico ou sagrado é

Paisagens e visões míticas, questões de gênero e a cidade no romance "Mar Morto", de Jorge Amado
 Jânio Roque Barros de Castro

qualitativamente do tempo profano, da contínua e irreversível duração na qual está inserida nossa existência cotidiana e dessacralizada. Ao narrar um mito, reatualizamos de certa forma o tempo sagrado no qual se sucederam os acontecimentos de que falamos (ELIADE, 1991, p. 53).

Os mitos podem ser invenções ou formas de reatualização de acontecimentos, eventos e práticas do passado que, pelo seu caráter excepcional, se tornam transtemporais e são recriados pelos religiosos. Seria difícil se afirmar a origem de um determinado mito ou de uma prática mística. Eliade (1991) destaca que o mito retira o homem de seu próprio tempo, de seu tempo individual, cronológico, histórico, e o projeta mesmo que simbolicamente para o Grande Tempo, em um instante paradoxal que não pode ser medido por não ser constituído por uma duração, ou seja, o mito significa uma ruptura do tempo e do mundo enquanto realidade tátil e perceptível. Em terra firme, a festa para lemanjá pode acontecer em determinadas datas instituídas, a exemplo do dia 2 de fevereiro, data na qual se fazem oferendas no mar. No entanto, o aparecimento da divindade e os eventos envolvendo lemanjá, na lida cotidiana dos homens do mar, não obedecem a nenhum calendário instituído. Na concepção de Tuan:

O primeiro tipo de espaço mítico é uma extensão conceitual dos espaços familiar e cotidiano dados pela experiência direta. Quando imaginamos o que fica do outro lado da cadeia montanhosa ou do oceano, nossa imaginação constrói geografias míticas que podem ter pouca ou nenhuma relação com a realidade (TUAN, 1983, p. 97).

A fé e a imaginação são importantes para a questão religiosa na sua dimensão mítica. Tuan ancora as abordagens acerca da perspectiva mítica em referenciais, do ponto de vista simbólico, revestidos de

elementos de familiaridade, de lugaridade. Jung (1987), nos seus estudos comparativos, entre o que ele chama de homem primitivo e homem moderno, constatou que há uma forte tendência de o homem de construir símbolos e de expressá-los através dos sonhos. Para esse autor, muitos sonhos apresentam imagens e associações análogas a ideias, mitos e ritos primitivos. A questão mítica seria alimentada pelos sonhos que se impregnam no imaginário dos pescadores ou os contos à beira do cais alimentam os sonhos e a mistura de tudo isso cria uma atmosfera de veracidade em relação as temáticas transmundanas? A questão colocada dessa forma se contrapõe à arguição textual do autor que, quando aborda irrupção transmudana de lemanjá, vai além desses dualismos. Tanto os contos míticos alimentam os sonhos quanto os sonhos alimentam e reforçam essas questões em uma perspectiva integrada e articulada, não binarizada, não hierarquizada.

No romance "Mar morto" há trechos nos quais Jorge Amado remete à dimensão topológica, ao lugar sagrado onde a rainha do mar mora:

O oceano é muito grande, o mar é uma estrada sem fim, as águas são muito mais que a metade do mundo, são três quartas partes e tudo isso é de lemanjá. No entanto, ela mora é na pedra do Dique do Cais na Bahia ou na sua loca em Mont Serrat. Podia morar nas cidades do Mediterrâneo, nos mares da China, na Califórnia, no mar Egeu, no Golfo do México. Antigamente ela morava nas costas da África que diziam que é perto das terras de Aiocá. Mas veio para a Bahia ver as águas do rio Paraguaçu e ficou morando no cais perto do Dique, numa pedra que é sagrada (AMADO, 2008, p. 79).

A dimensão transescalar se apresenta de forma expressiva nesse trecho da obra sob análise. O autor faz menção a diferentes partes do planeta, a lugares distantes, para depois destacar a unidade federada que o inspira: a Bahia. Mas não é a Bahia no sentido amplo da extensão

territorial, e sim a Bahia do recorte espacial, determinado por critérios de natureza sociocultural, que corresponde a Salvador, à Bahia de Todos os Santos e à região do Recôncavo baiano, como se enfatizou anteriormente. Ao fazer menção à África, vêm à baila os elementos que configuram as relações identitárias diaspóricas.

A rainha do mar pode aparecer em qualquer parte dos grandes oceanos, podendo ser vista por aqueles marujos que mereceram essa honraria. Todavia, ela moraria aqui na Bahia; por isso, notadamente o povo negro desse estado faz festas para ela e a presenteia anualmente. Essa divindade localizada se aproximaria daquela dimensão do sagrado abordada por Claval (2002)? A resposta é não. Não se trata de um santuário tangível topologicamente, e sim de uma relação de fé e respeito à divindade mediada por elementos de natureza mítico-sagrada, cujas práticas devocionais prescindem de um santuário específico. No início do mês de fevereiro, presenteia-se e cultua-se lemanjá em qualquer praia de Salvador; não existe um local único para essa prática devocional.

No contexto da relação entre a divindade e a materialidade em Salvador, há menções, em algumas obras amadianas, como "Mar morto", à presença de lemanjá na terra, chegando ao porto nos saveiros juntamente com os pescadores, para participar da sua festa. Para a dimensão mítica, o simbolismo das águas é muito importante; tanto das águas do mar com todos os seus mistérios, como as águas dos rios, nas quais as religiões de matriz afro-brasileira fazem suas oferendas e muitos integrantes de segmentos religiosos evangélicos batizam seus novos membros. Eric Dardel (2011) destaca que o simbolismo aquático é muito importante no contexto da Geografia mítica. Esse autor enfatiza que a água intervém como fator de regeneração e de aumento no potencial da vida em várias religiões.

OS LUGARES (OU NÃO LUGARES?) DA MULHER NO ROMANCE "MAR MORTO"

As obras literárias de Jorge Amado não devem ser lidas e analisadas de forma superficial e aligeirada. Deve-se ler, reler, rever, contextualizar para evitar alguns equívocos. Já ouvi algumas pessoas falarem, por exemplo, que nota-se um certo machismo na escrita, uma vez que a mulher é vista como aquela pessoa que está sempre abaixo do homem do ponto de vista hierárquico em vários trechos e momentos da trama. Ao ver uma provocação dessa natureza, apresento outras para alimentar o debate. De que obra se fala? Qual o seu contexto histórico e sociocultural? De que parte da obra se fala? De qual mulher se fala? De quais momentos dessa ou dessas mulheres se fala?

No romance "Mar morto", a mãe de Guma se apresenta para Francisco, tio do garoto (irmão do seu pai, já falecido), com o objetivo de conhecer o menino, que tinha 11 anos de idade e também para se queixar de Frederico, pai de Guma, afirmando que depois que engravidou foi expulsa de casa e acabou se tornando uma prostituta. Essa mulher tanto teve a coragem de se contrapor às normas de conduta familiar da época, ao engravidar em uma situação de aventura amorosa com um homem do mar que conhecera em Aracaju, capital do estado de Sergipe, como também se mostrou disposta a buscar o seu filho a fim de reescrever a história de vida de Guma a partir daquilo que ela acreditava. Segundo essa senhora, o menino deveria estudar. Ela disse a Francisco: "Boto num colégio, vai aprender a ler, talvez vire doutor como o tio dele, meu irmão... não vai morrer afogado" (AMADO, 2008, p. 34).

Mesmo diante de todas as adversidades que a vida lhe impunha, na condição de mulher, em meados da terceira década do século XX, a mãe de Guma não se prostrou submissa para aguardar que um homem

Paisagens e visões míticas, questões de gênero e a cidade no romance "Mar Morto", de Jorge Amado
 Jânio Roque Barros de Castro

(Francisco) ajudasse a construir a história de vida do seu filho; mesmo sabendo que esse senhor não abriria mão de educar o menino no mar e na beira do cais para que continuasse fazendo o que os homens do lado paterno faziam, ela tentou modificar a predestinação. É importante ressaltar que, depois da conversa com Francisco, ela ficou orgulhosa ao saber que seu filho já velejava pelas águas da "Bahia de Todos os Santos", apesar da pouca idade. Essa seria uma situação de submissão dessa mulher? Essa reflexão apresenta um tom de provocação porque as obras de Jorge Amado são ricas e permitem várias leituras e releituras. Deve-se reconhecer que, na mesma trama literária, muitas mulheres são vistas como submissas e subservientes, prontas para atender aos desejos sexuais dos homens do mar, mas não se pode generalizar. Lívia, o grande amor de Guma, tem o poder do encanto, que faz muitos homens a desejarem; Guma que, na fase adulta, conduz o saveiro de forma tão dura e corajosa, se entrega afetivamente a Lívia numa troca de energia que integra o casal de forma tão intensa, que está acima dessa leitura hierarquizada e vertical da relação entre homem e mulher no romance em tela.

No transcurso da leitura do romance, chama atenção o fato dos lugares significativos (portos, cidades, saveiros) serem espaços protagonizados, sobretudo por homens. Não há mulheres na condução de saveiros, e há várias menções à prostituição feminina no porto. Se, por um lado, é extremamente relevante o fato de Jorge Amado trazer para o protagonismo literário o pescador e a prostituta na década de 1930, é importante destacar que, em muitos casos, os lugares, no sentido forte da palavra, onde os pescadores falavam sobre suas vidas, suas lidas cotidianas e ouviam relatos míticos dos homens do mar mais velhos, para algumas mulheres, eram espaços de passagem ou de estadia fugidia, esporádica ou de espera dos maridos que estavam navegando. Ou, no caso das prostitutas, eram pontos nos quais se

poderiam conseguir dinheiro para sua sobrevivência. Sobre essas últimas, levanto uma provocação: quem seria mais livre e dona do seu destino: a dona de casa mal tratada e submissa, que é recorrentemente traída pelo infiel marujo que arruma uma amante nova a cada ancoragem, ou a prostituta que tem autonomia de andar de forma errante pelo cais ou alongar seus itinerários se deslocando para outras cidades ou até mesmo outros estados quando quiserem? Um exemplo disso é a mãe de Guma, que é de Aracaju, capital sergipana, e que veio à Bahia para conhecer e levar o seu filho com ela para tentar dar uma vida melhor para ele e recuou ao ver que ele se realizava seguindo ofício do pai e do tio, que não abriria mão dele mesmo. Ela não recuou por covardia ou submissão. A mãe de Guma foi uma mulher que tomou iniciativa, se deslocou no espaço longo (de um estado para outro), em um contexto histórico no qual a fixidez e a curta mobilidade eram o traço forte da mulher de baixa renda, cujo raio de circularidade, por vezes, era repetitivo: da casa para o cais para aguardar o marido ou da casa para a mercearia para fazer as compras e depois retornar para a unidade residencial, para criar os filhos, sua incumbência principal. Ou, esporadicamente, da casa para igreja para orar. As prostitutas seriam donas do seu destino, e, por isso, teriam a liberdade para ampliação do seu espaço de circularidade? Mais uma provocação para alimentar a discussão. Pode-se afirmar que essas senhoras, apesar de todas as adversidades e riscos do seu ofício, podem ser seletivas tanto do ponto de vista dos lugares onde frequentam quanto do ponto de vista dos clientes que atendem. Essa seria uma situação de total submissão? Claro que não.

Essas e outras questões inspiraram o subtítulo: "os lugares (ou não lugares?) da mulher no romance "Mar morto". Nesse caso, lugar, na perspectiva de Tuan (1983), é abordado como espaço significativo, afetivo, e não lugar como um contraponto, o espaço no qual não se

Paisagens e visões míticas, questões de gênero e a cidade no romance "Mar Morto", de Jorge Amado
 Jânio Roque Barros de Castro

desperta uma relação de afetividade constituindo-se apenas em um espaço de passagem. Um determinado local, como uma pequena igreja, situada nas proximidades do porto, pode ser lugar para uma dona de casa, esposa de um pescador e apenas um espaço de passagem ou ponto de trabalho para uma prostituta. A dona de casa pode frequentar o referido templo religioso desde garota, com sua mãe, sua avó para assistir missas e novenas; ao transitar pela frente da igreja, essa senhora lembra e rememora (a relação histórica e afetivamente construída entre ela e edificação religiosa) e se benze. A prostituta pode ser de outras cidades ou outros estados, e, por isso, não construiu vínculos afetivos com logradouros ou edificações daquela cidade. Esses vínculos, portanto, podem ser densamente simbólicos para algumas moradoras locais.

Em um trecho da obra em tela, o casamento de um dos protagonistas pode ser visto como uma "amarra", capaz de comprometer a sua liberdade:

[...] Guma não se casará. Será sempre livre no seu saveiro. Irá com lemanjá quando bem quiser. Não terá âncoras que o prendam à terra. O homem que vive no mar deve ser livre. Mas se aquela mulher levasse Guma, que seria do menino? Seria marceneiro, pedreiro, talvez doutor ou até padre vestido de mulher, quem sabe! (AMADO, 2008, p. 33).

Um escritor como Jorge Amado, que se debruça a escrever sobre as práticas cotidianas banais de diferentes sujeitos das camadas populares, capta, com maestria e riqueza de detalhes, determinadas situações, aspectos e bordões desses segmentos sociais. Por isso, ao ler suas obras, muitas pessoas de outros estados e países se interessam em conhecer aquela Bahia real, mítica e mística que se mescla de forma tão peculiar e rica. Até hoje, ouve-se as pessoas a usarem as expressões se "amarrar" quando querem comunicar que irão casar-se.

Nesse trecho em destaque, a terra é vista na perspectiva da fixidez, do aprisionamento, enquanto que o mar é espaço aberto para a liberdade. A terra seria um elemento material, tangível no sentido literal que comprometeria a liberdade, enquanto que o mar seria uma imensa massa líquida de caminhos que podem ser, eventualmente, errantes (às vezes, o navegador se perde) ou predominantemente direcionados (em busca de outros pontos (portos)).

Nas estradas líquidas, poder-se-ia ter companhia da poderosa divindade transmudana, que é uma mulher: lemanjá. Destaca-se, assim, a divinização da mulher, contrapondo-se àquela mulher dona de casa conformada e submissa. Essa mulher mítica é lemanjá, ou Janaína para os canoeiros, uma guerreira, forte, poderosa, que agita as águas nas tempestades e depois acalma com o sol se abrindo para um amanhecer, com uma brisa litorânea agradável. Os marinheiros contemplam, respeitam, reverenciam e presenteiam lemanjá e, segundo Jorge Amado, ela atende aos desejos dos homens do mar.

Francisco temia que a mãe levasse Guma e este se tornasse mais um homem comum da terra firme, que exercesse determinadas atividades, destituídas de toda a magia e mistérios para além da compreensão humana que o mar poderia lhe proporcionar. Nesse momento de temor de perda do sobrinho, a figura da mulher, mãe do garoto, passa a ser vista como uma ameaça; essa mulher que veio de longe fez o velho e forte marujo sentir o medo da perda, ou seja, nesse momento, acredito que essa mulher agigantou-se diante dele. Após refletir sobre a situação, Francisco toma para si o protagonismo do diálogo e retruca afirmando que ela não levará o menino porque nem ela saberia o que faria com ele. Ao longo da trama, há momentos em que a mulher cresce e contrapõe-se ao protagonismo machista daquela época e há outros nos quais notam-se uma situação de submissão. Nessa mesma obra, a mulher aparece mais forte do que qualquer homem em qualquer

Paisagens e visões míticas, questões de gênero e a cidade no romance "Mar Morto", de Jorge Amado
 Jânio Roque Barros de Castro

outro momento da trama romântica: estou falando de Iemanjá, que expressa claramente uma situação de divinização da mulher.

E o que falar da força e valentia de uma personagem do livro "Mar morto" chamada Rosa Palmeirão?

Ah! Não seria nada se ela não tivesse um corpo bem-feito. Sua fama já viajou, corre mundo, todo marinheiro a conhece, todos têm medo da navalha na saia, do punhal no peito, da mão fechada. Mas tem mais medo ainda do corpo bem-feito da Rosa Palmeirão. Ela engana muito. Ela vai passando, o corpo se mexendo, mesmo chamando, nem parece que é ela. O marinheiro vai atrás, a areia é macia e a lua é bela no mar. Contam no cais que a noite é para amor. Ela vai remexendo o corpo, ainda ginguando como se fosse marítima também. O marinheiro não sabe, vai atrás dela. [...] Pobre do marinheiro se ela não gostar dele ou se ela não quiser amar essa noite. Rosa Palmeirão traz navalha na saia, punhal no peito. Rosa Palmeirão já deu em seis soldados, já comeu vinte prisões, já bateu em muito homem (AMADO, 2008 [1936], p. 57).

De início, chama atenção o fato da fama de uma mulher apresentar uma difusão transescalar em contexto histórico e social patriarcal e machista. Rosa Palmeirão talvez tenha conseguido o que grandes, hábeis e velhos marinheiros não conseguiram: difundir seu nome em diferentes mares e ancoragens no mundo dos marujos. Apesar do destaque enfático de sua navalha e de seu punhal, sua principal arma é a sedução que vulnerabiliza os homens; desarma-os. Jorge Amado mescla, nesse caso, a força da defesa, com instrumentos físicos usados predominantemente por homens, com a força encantadora e fascinante da beleza física, assemelhando-se à sedução mítica do canto das sereias, potencializada pela ginga do andar da mulher, que seduz e domina os duros homens do cais. Essa mulher é forte em todos os sentidos. Ela tem a força física, armas temidas, beleza que encanta, coragem de sobra e a ginga do cais. Ao passar, os olhares masculinos são para ela. Na hora de amar é ela quem decide se quer ou não.

Estamos falando dos anos 1930? Sim, mas essa é uma mulher à frente do seu tempo. Essa é uma das mulheres amadianas fortes. Todavia, bem ao estilo de Jorge Amado, evitam-se os purismos e essencialismos dos personagens e das tramas. Rosa não é só força, briga e valentia. Essa bela mulher, quando queria, se deixa dominar afetivamente pelo homem que ela escolhia. Ela escolheu Guma:

[...] Seus olhos brilham. Suas mãos, que manejam facas e navalhas, são agora doces e sustentam a cabeça de Guma, que repousa. Sua boca, que diz palavrões, é terna agora e sorri de amor. Nunca a amaram como ela desejou. Todos tinham medo dela. Do punhal, da navalha, do seu corpo bem-feito [...]. Nunca a tinham amado sem temor. Nunca ela vira uns olhos límpidos assim como os de Guma. Ele a admirava, não a temia. (AMADO, 2008, p. 63).

Ao se entregar ao amor com Guma, Rosa Palmeirão se fragilizou? Mostrou que não era tão forte e dominadora na sua relação com os homens? De forma alguma. Ela continua mostrando força e sendo admirada pelos homens e conseguiu ser amada como ela queria; sem medos nem temores; sem intimidação. O protagonista forte e corajoso, que bravamente conduz o saveiro no mar mostrando ser uma pessoa decidida no cais, envolve-se afetivamente com a desejada e temida Rosa Palmeirão. Não formam o casal romântico da trama literária, e sim, um casal explosivo, efêmero e carinhosamente sexualizado. A forte Rosa Palmeirão aprecia um carinho de um homem corajoso que aprecia uma bela, corajosa e subversiva mulher que está atrás do punhal e da navalha. Portanto, entende-se que essas pessoas banais que protagonizam as tramas de Jorge Amado são gente como a gente: brigam, enfrentam com força as adversidades da vida, trabalham duro, mas que também amam, gostam de dar e receber carinho. Todavia, há trechos na obra que expressam claramente uma situação tanto de

dependência da mulher quanto de possessividade afetiva por parte dos homens:

Guma se horroriza em pensar em Lívia, mais bonita que todas as mulheres do cais, se entregando a outros homens, chamando da janela, para sustentar um filho, que um dia será marinheiro também e desgraçará outra mulher. Atrás de uma janela gradeada (como a janela de presos, de condenados) ela colocaria seu rosto sem mistério, seu rosto sem angústia e chamaria homens que passassem (AMADO, 2008, p. 123).

A abordagem para a questão de gênero na obra varia de acordo com a personagem, o momento no qual ela vive, as circunstâncias e o contexto. Há trechos nos quais se nota uma Lívia tão forte, com grande capacidade de encantar os homens que a olham passar; olhos de desejos e, de certa forma, de submissão sexual. As sereias encantariam no mar e algumas mulheres espraíam o seu encanto em terra firme, nos lugares por onde circulam. Por outro lado, ao ver Lívia como exclusivamente sua, Guma, que também seduz outras mulheres, expressa uma possessividade masculina ancorada na imposição de uma eventual superação hierárquica do macho; algo que para alguns homens do cais era indiscutível quando o assunto são mulheres simples do cotidiano. Por que uma mulher solteira, separada ou viúva não poderia criar seu filho de outra forma que não seja aderindo à prática da prostituição? Essa leitura machista o autor colhe do cotidiano dos homens do mar, da beira do cais. No entanto, como se destacou anteriormente, esse mesmo autor enfatizou várias situações nas quais a força da mulher é bem maior do que a dos fortes e corajosos marujos. Para aqueles que veem a fragilização da mulher no romance, recomenda-se o cuidado com a generalização e uma especial atenção com as dimensões intersticiais da obra amadiana.

A CIDADE E CAPITAL BAIANA EM DUAS OBRAS AMADIANAS

Como já foi abordado anteriormente, quando trata da questão mítica, do além, Jorge Amado não separa as divindades da dimensão transmundana dos espaços de circulação de homens e mulheres, seja um ponto fixo, a exemplo de um porto, seja navegando nas imensas massas líquidas do mar ou dos grandes rios, como o Paraguaçu no seu baixo curso (imediações estuarinas). No entanto, quando assunto é a relação entre o que acontece na terra firme e no mar, a abordagem do autor, muitas vezes, parte de uma dualização que hierarquiza qualitativamente, fazendo-se uma clara apologia à vida dos homens das águas e do cais, mesmo após arrolarem-se uma longa lista de eventuais vantagens de uma vida na cidade, como consta nessa passagem do livro "Mar morto":

[...] De um lado, enorme e iluminada de mil lâmpadas elétricas, estava a cidade. Subia pela montanha os seus sinos badalavam, dele vinham músicas alegres, risadas de homens, ruídos de carros. A luz do elevador subia e descia, era um brinquedo gigantesco. Do outro lado era o mar, a lua e as estrelas, tudo iluminando também. A música que vinha dela era triste e penetrava mais fundo. Os saveiros e as canoas chegavam sem ruído, os peixes passavam sob a água. A cidade, mais barulhenta, era bem mais calma, no entanto. Lá havia mulheres lindas, coisas diferentes, cinema e teatro, botequins e muita gente. No mar nada disso havia. A música do mar era triste e falava em morte e em amor perdido. Na cidade tudo era claro e sem mistério como a luz das lâmpadas. No mar tudo era misterioso como a luz das estrelas. As estradas da cidade eram muitas e bem calçadas. No mar só havia uma estrada e essa oscilava, era perigosa. As estradas da cidade já estavam há muito conquistadas. A do mar era conquistada diariamente, era ir a uma aventura toda vez que se partia. E na terra não há lemanjá, não há as festas de dona Janaína, não há música tão triste. Nunca a música da terra, a vida da terra tentou o coração de Guma. Mesmo, na beira do cais nunca se contou

Paisagens e visões míticas, questões de gênero e a cidade no romance "Mar Morto", de Jorge Amado
 Jânio Roque Barros de Castro

uma história que referisse o caso de um filho de marinheiro ser tentado pela vida calma da cidade. (AMADO, 2008, p. 51-52).

Essa passagem da obra sob análise me faz lembrar a abordagem de Deleuze e Guattari (1997; 1992) para o espaço liso e estriado. Segundo esses pensadores contemporâneos, a noção de espaço liso remete a uma concepção de espaço não metrificado racionalmente. O espaço liso não é dimensionado e nem possui um centro, um começo ou um desenho formal. Já o espaço estriado é dimensionado, centrado, medido, geralmente traçando linhas que ligam um ponto a outro. Enquanto que no espaço estriado o trajeto é subordinado ao ponto, no espaço liso o ponto está subordinado ao trajeto. Deleuze e Guattari citam o mar como espaço liso por excelência, na condição de espaço visualizado. No entanto, esses autores lembram que esse mesmo espaço liso aos olhos até os limites do horizonte foi um dos primeiros a ser estriado do ponto de vista das coordenadas geográficas, para posteriormente servir como meios para os estados hegemônicos ampliarem suas conquistas nas grandes navegações. Inegavelmente, as cidades portuárias se constituíram em pontos e em nós dessas tramas itinerantes dos navegantes. Todavia, elas apresentavam sua dinâmica subordinada ao fluxo, ao trajeto dos navios, que se deslocavam para atender a interesses mercadológicos. Portanto, a consolidação capitalista, associada aos avanços nos meios técnicos, promoveu a estriagem dos mares. Para esses autores, as cidades são espaços estriados por excelência, mas que eventualmente liberam espaços lisos; há sempre aqueles que habitam a cidade sentindo-se tão livres como Guma sente-se conduzindo seu saveiro no mar. Dessa forma, assim como se pode habitar o deserto como espaço estriado, pode-se habitar a cidade como espaço liso. Mesmo a cidade mais estriada

secreta espaços lisos, para aqueles que se sentem pertencentes a ela (CASTRO, 2012).

A comparação entre a cidade das luzes, da modernidade, da racionalidade da vida e da previsibilidade se contrastaria dualisticamente com o mar e sua rebeldia geográfica, sem demarcações fixas de itinerário e envolto em muitos mistérios; aberto a aventuras e ou eventuais desventuras. Para homens do mar como Guma, esse é um lado positivo da vida dos marujos; a imprevisibilidade do trajeto associada à vida no mar e nos portos. Todavia, assim como sua mãe, Guma às vezes pensa em criar o filho na cidade para lhe dar uma vida melhor, no entanto, reconhece que, se assim procedesse, seu corpo iria sair do mar, mas sua mente, seu coração, ficariam lá, porque, como destaca o autor, o mar é visto pelos personagens da obra como amante e amigo na dimensão afetiva e como "pátria" no sentido do pertencimento.

Salvador sempre teve um destaque importante na obra de Jorge Amado, que a considerava uma cidade importantíssima no contexto nacional. No livro "Bahia de Todos os Santos", publicado na década de 1940, o autor em tela tratou a capital baiana de forma enfática:

"Roma negra", já disseram dela. "Mãe" das cidades do Brasil", portuguesa e africana, cheia de histórias, lendária, material e valorosa. Nela se objetiva, como na lenda de Iemanjá, a deusa negra dos mares, o complexo de Édipo. Os baianos a amam como mãe e amante numa ternura entre filial e sensual. Aqui estão as grandes igrejas católicas, as basílicas e aqui estão os grandes terreiros de candomblé, o coração das seitas fetichistas dos brasileiros (AMADO, 2012, p. 28)

Sob a ótica da abordagem amadiana, o fulgor e a peculiaridade cultural de Salvador fazem a capital baiana destoar como centro macrorregional de projeção nacional na rede urbana brasileira. Jorge

Paisagens e visões míticas, questões de gênero e a cidade no romance "Mar Morto", de Jorge Amado
 Jânio Roque Barros de Castro

Amado aborda, em suas obras, a ideia de uma centralidade cultural ancorada no potencial da cultura negra de matriz afro-brasileira. Essa foi uma atitude ousada para uma obra da década de 1940, um contexto no qual a cultura negra era fortemente discriminada, aliás, nem era chamada de cultura. Até a década de 1980, alguns livros didáticos consideravam manifestações culturais do povo negro apenas como folclore, numa clara tentativa de subculturalização depreciativa. A partir, sobretudo, da década de 1990, houve um alargamento na concepção de cultura que faz justiça às manifestações culturais do povo negro e indígena, dando-lhe o devido valor como expressões identitárias.

Nas obras de Jorge Amado, a cidade de Salvador é chamada de cidade da Bahia, pela sua importância, sobretudo cultural e simbólica. O referido autor afirma, de forma convicta, que "nessa cidade a cultura popular é tão poderosa, possui uma tradição tão densa, persiste porque foi defendida com tanta fúria e coragem, que ela não só marca como condiciona toda criação artística e literária" (AMADO, 2012 [1945], p. 49). Reafirma-se de forma convicta, o papel de Salvador como uma capital cultural do Brasil na perspectiva amadiana. Os sujeitos sociais que lideram as culturas de matriz afro-brasileira exercem um ativismo cultural tão importante que fazem a capital baiana se destacar no contexto nacional. Os laços da cidade da Bahia com a África, configurando expressões identitárias diaspóricas, e o potencial da cultura popular manifestado e expresso nas ruas e nas práticas cotidianas dos sujeitos sociais, fariam da capital baiana uma cidade peculiar.

Jorge Amado tece duras críticas à situação de pobreza de Salvador e faz questão de destacar que o seu potencial e suas especificidades culturais lhe dão o caráter de polo nacional:

Isso não quer dizer que na Bahia a vida seja mais fácil, menos dura, menos difícil para o povo. Ao contrário: cidade pobre, estado quase paupérrimo apesar das inúmeras riquezas, subdesenvolvido, na Bahia o povo tem oportunidades e possibilidades muito menores do que no Rio e em São Paulo. A diferença está na civilização popular, na cultura do povo, que humaniza a cidade, e torna a vida menos áspera e brutal, fazendo das relações entre os cidadãos um convívio humano e não um permanente conflito de inimigos. Não me refiro, é claro, aos problemas de lutas de classes, de injustiças sociais que aqui existem como em qualquer outra parte. Refiro-me às relações entre pessoas, ao trato cotidiano, refiro-me ao humanismo baiano (AMADO, 2012, p. 50-51).

Esse trecho do livro "Bahia de Todos os Santos" dialoga com as abordagens de Milton Santos (2000) sobre a força ativista do pobre para criar outra alternativa de mundo, que ele chamou de uma outra globalização, mais horizontal, mais inclusiva, mais humana. Como um bom comunista, Jorge Amado criticou e questionou as mazelas sociais do seu tempo e apresentou um antídoto, uma porta que se abria, não para o conformismo e sim para a luta, para a ação calcada no ativismo cultural que, mesmo intersticialmente, poderia agir como uma máquina de guerra no sentido proposto por Deleuze e Guattari (1997; 1992), ou seja, uma força molecular capaz de promover o desmantelo de modelos molares, macros. Essa cidade da Bahia, com todos os seus problemas, era e é forte, na fala de Amado, por causa da cultura popular que a humaniza.

REFLEXÕES FINAIS


Através das obras literárias pode-se superar a tendência à dualização maniqueísta exacerbada, segundo a qual o mal e o bem seriam entidades opostas mecanicamente. Para além dessa binarização

Paisagens e visões míticas, questões de gênero e a cidade no romance "Mar Morto", de Jorge Amado
 Jânio Roque Barros de Castro

tosca, há situações nas quais notam-se influências, hibridismos e misturas que nos levam além das compartimentações mecânicas. Na romance "Mar morto", o mar seria o algoz duro que amedrontava, ou seria uma imensidão hídrica na qual moram as entidades divinas que protegem os pescadores e saveiristas? Essa questão, colocada dessa forma, empobrece a riqueza da obra na medida em que dualiza a leitura da relação entre os pescadores e o mar. O mar está sujeito a tempestades, tufões e outros fenômenos fortes e abruptos da dinâmica meteorológica; todavia, a crença dos pescadores na mãe d'água, protetora que acalma, permanece inabalável. Esse mesmo mar da fúria, é o mar do congoçamento, é o mar do amor de Lívia e Guma. Em alguns trechos da obra o autor dualiza a abordagem e, em outros, mescla, mistura, integra.

Inegavelmente, a contemplação paisagística alimenta a inspiração de poetas e compositores. Na concepção de Eric Dardel (2011), muito mais que a justaposição de detalhes pitorescos, a paisagem é um conjunto, uma convergência, um momento vivido, uma ligação interna, uma "impressão" que une todos os elementos. Segundo o referido autor, a paisagem vai muito além da materialidade visível; ela pode ser trabalhada na dimensão do imaginário. E essa relação não dicotômica entre o real, o mítico, o místico é um dos pontos fortes da obra amadiana. Não se trata de separar o mundo entre espaços e eventos da cotidianidade, da materialidade da dimensão do tangível e da dimensão transmundana, das divindades.

Além da originalidade das suas obras, um dos grandes méritos de Jorge Amado foi trazer para o protagonismo das tramas literárias sujeitos sociais historicamente marginalizados. Deu voz as periferias étnico-sociais da Bahia: pescadores, donas de casa e prostitutas dificilmente conseguiriam espaços mesmo em livros literários ou ficcionistas. Esses sujeitos sociais, que habitam a periferia social

de cidades como Salvador e o seu entorno regional imediato, não são apenas figurantes ou pano de fundo das tramas literárias; são personagens importantes, de personalidade forte, como Guma; de beleza e potencial de sedução fascinantes, como Lívia; de coragem e vigor subversivo, como Rosa Palmeirão; heróis locais ou regionais que subvertem a imposição dos heróis cívicos inventados, sobrepondo-se a eles como o caso do hábil capoeirista Besouro, da cidade de Santo Amaro, que recentemente foi midiaticado em filme exibido nas telas do cinema e da televisão. Guma e Lívia são duas pessoas simples, que namoraram e se amaram em espaços ou lugares banais no transcurso da trama literária e navegaram juntos pela "Bahia de Todos os Santos" e mistérios, amores e aventuras, tendo como cenários espaços banais e pessoas banais. Além da leitura do livro "Mar morto" ser muito rica e prazerosa e interessante, essa ousadia de Jorge Amado, negavelmente, é um dos pontos fortes das suas obras literárias. 

REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. **Bahia de Todos os Santos**: guia de ruas e mistérios de Salvador. São Paulo: Companhia das Letras, 2012 [1945].
- _____. **Os pastores da noite**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009 [1964].
- _____. **Mar morto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008 [1936].
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. (Trad. de Antônio de Pádua Danesi.) São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- CASTRO, Jânio Roque B. de. **Da casa à praça pública**: a espetacularização das festas juninas no espaço urbano. Salvador: EDUFBA, 2012.
- _____. Os sertanejos e o sertão vistos na/da capital da Bahia e as diferentes leituras/vivências da cidade de Salvador em duas obras de

Paisagens e visões míticas, questões de gênero e a cidade no romance "Mar Morto", de Jorge Amado
 Jânio Roque Barros de Castro

Jorge Amado. In: SILVA, Maria Auxiliadora da; SILVA, Harlan Rodrigo Ferreira da. (Orgs.) **Geografia, literatura e arte: reflexões**. Salvador: EDUFBA, 2010, p. 51-64.

CLAVAL, Paul. A revolução pós-funcionalista e as concepções atuais da Geografia. In: MENDONÇA, Francisco; KOZEL, Salete (Org.) **Elementos de epistemologia da Geografia contemporânea**. Curitiba: Editora UFPR, 2002, p. 11-43.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: a natureza da realidade geográfica**. (Trad. de Werther Holzer.) São Paulo: Perspectiva, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, Vol. 05 (Trad. de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa.) São Paulo: Editora 34, 1997.

_____. **O que é a Filosofia**. (Trad. de Bento Prado Júnior e Alberto Alonso Muñoz.) Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos: Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso**. (Trad. de Sonia Cristina Tamer.) São Paulo: Martins Fontes, 1991.

JUNG, CARL G. **O homem e seus símbolos**. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1987.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência universal**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.

TUAN, YI-FU. **Espaço e lugar**. (Trad. de Livia de Oliveira.) São Paulo: Difel, 1983.

_____. **Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. (Trad. de Livia de Oliveira.) São Paulo: Difel, 1980.

Submetido em Dezembro de 2014.

Aceito em Junho de 2015.